

SANTOS, Sandra Mara Pereira dos. Representações de amor conjugal ou laços afetivos no *rap* brasileiro. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 15, n. 45, p. 104-114, dezembro de 2016 ISSN 1676-8965.

**ARTIGO**

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

## Representações de amor conjugal ou laços afetivos no *rap* brasileiro

Conjugal love representations or emotional ties in the Brazilian rap

*Sandra Mara Pereira dos Santos*

Recebido em: 15.06.2016

Aprovado em: 06.10.2016

**Resumo:** Existem jovens das periferias do Brasil que constroem músicas conhecidas como pertencentes ao gênero musical do *rap*. Neste artigo, analiso as letras deste estilo musical. No *rap* brasileiro existem discursos e letras sobre concepções de emoções, inclusive de amor. Em diversos contextos as representações de jovens do *rap* sobre emoção acompanham as noções de emoção, presente no senso comum e, muitas vezes, no meio acadêmico. Em um mundo percebido por muitos compositores e compositoras desse gênero musical como permeado de enfrentamentos sociais e políticos, o amor é mantido separado dessas questões situado no corpo e/ou no coração e, por isso, frequentemente esse sentimento é pensado como unicamente da intimidade. Essa é uma concepção que separa as práticas afetivas conjugais do mundo social, todavia, tal divisão reforça o discurso unilateral das emoções.

**Palavras-Chave:** emoção, representações, amor, *rap*

**Abstract:** There are young people from the peripheries of Brazil building known songs as belonging to the genre of rap. In this article, I analyze the lyrics of this musical style. In the Brazilian rap there are speeches and letters on conceptions of emotions, including love. In many contexts the rap youth representations of emotion accompanying emotion notions present in common sense and often in academia. In a world perceived by many composers and songwriters of country music as permeate social and political confrontations, love is kept separate these issues and located in the body and / or in the heart, so often Stephen Fry feeling is thinking as only the intimacy. This is a design that separates the marital affective practices of the social world however such a division enhances the unilateral discourse of emotions. **Keywords:** emotion, representations, love, rap

### Introdução

Em diversas modalidades de revistas, filmes, programas televisão, propagandas e músicas é recorrente relações sociais, nas quais há o discurso de que o amor é unicamente de cunho subjetivo, intimista e do espaço doméstico. Tais concepções alinham-se às ideias produzidas e reproduzidas em mais de um meio e contexto social, sobre como as emoções se constituem nas realidades das pessoas. Autores e autoras das ciências sociais reconheceram a visão reducionista que o senso comum e algumas áreas do meio científico possuem sobre as emoções e, por isso, passaram a apontar como elas permeiam e são produzidas em mais de uma esfera das ações humanas.

A ideia de intimidade emocional também se faz presente no gênero musical do *rap*<sup>1</sup>, que tem sido pesquisado por mim desde 1999. O *rap* faz parte do movimento *Hip-Hop*, que é o nome

<sup>1</sup>O termo *Rap* são as iniciais de *ritmam and poetry* (ritmo e poesia) tipo de música falada e rimada de tradição africana.

dado a uma cultura juvenil. Tal movimento engloba basicamente a música (*rap*), a dança (*break*) e o grafite (arte visual). Nas letras de *rap*, por exemplo, é possível encontrar concepções de amor e, por meio, das reflexões dos significados que compõem esse sentimento, compreendendo as dimensões e contextos em que os compositores ou cantores do *rap*, bem como seu público, concebem essa emoção. Esta é situada por esses agentes ora no corpo (coração) e ora no sobrenatural (Deus), mas frequentemente esses dois estão em uma relação de continuidade um com outro, deixando as interações, disputas, desigualdades e preconceitos sociais, separados da constituição dessa emoção. Tal fato configura na criação de laços sociais ou de afetividades/amor em cima de padrões emocionais tradicionais, como por exemplo, da concepção que o “sentir” amor por alguém ocorre somente porque Deus ou o destino desejou.

### Concepções sobre a constituição das emoções

Na formação inicial da Sociologia, os sentimentos foram situados em outras ciências, como a Psicologia e a Medicina. No entanto, existem autores e autoras<sup>2</sup> que questionam em suas análises e teorias, a rígida separação entre indivíduo e sociedade, que foi sendo desenvolvida após meados do século XVIII.

Em suas obras *Antropologia das Emoções e Cultura e Sentimentos*, Claudia B. Rezende e Maria Claudia Coelho (2011) refletem especificamente sobre os estudos das emoções. Para elas, o tema das emoções raramente era relevante nas ciências sociais, uma vez que a visão sobre os sentimentos possui relação com a formação e delimitação do que a sociologia deveria estudar nas relações humanas, e, por isso, essas autoras ao refletirem acerca da trajetória dos estudos das emoções nas ciências sociais no Brasil, citam um dos pais fundadores da Sociologia e das demais Ciências Sociais, o autor Émile Durkheim (2001).

De acordo com tais autoras brasileiras, Durkheim (2001), para fundar a Sociologia e distingui-la das demais ciências, escreve seu famoso livro: *As regras do método sociológico*, no qual existe a ideia de sociologia como a ciência que estuda “o que está fora das pessoas”, ou seja, o fato social, a consciência coletiva e as condições objetivas. Assim, temos uma separação entre indivíduo, sociedade e sociologia. Vejamos essa discussão em Durkheim (2001):

Do mesmo modo que os espiritualistas separam o reino psicológico do reino biológico, nós separamos o primeiro do reino social; como eles, recusamo-nos a explicar o mais complexo pelo mais simples. Na verdade, contudo, nem uma nem outra denominação nos convém exatamente; a única que aceitamos é a racionalista. O nosso objetivo é estender ao comportamento humano o racionalismo científico. (...) O que se chamou o nosso positivismo é só uma consequência deste racionalismo. (...) Parece-me portanto que, sobretudo neste tempo de misticismo renascente, um tal empreendimento pode e deve ser acolhido sem inquietação e até com simpatia por todos aqueles que, mesmo divergindo de nós em algum ponto, partilham da nossa fé no futuro da razão. (DURKHEIM, 2001, p.13).

Essa perspectiva aplica-se principalmente em seus escritos das regras da disciplina sociologia, e menos acerca de seus estudos empíricos. Segundo as autoras, Cláudia B. Rezende e Maria C. Coelho (2012; 2014), a despeito do fato de termos neste livro a presença de uma clara separação entre social e individual, essa divisão não se dá necessariamente em seus estudos sobre manifestações religiosas, nos quais os sentimentos são apontados pelo autor. Esse fato nos conduz a pensar que se no plano teórico e pedagógico a compartimentação ou especificização da realidade se processa com sucesso, o mesmo não ocorre na esfera das relações empíricas e cotidianas.

Tal diferença nos estudos de Durkheim (2001) ocorre pelo fato de no âmbito empírico a realidade não ter dimensões desconectadas entre si. Esta divisão apenas teria utilidade para distinguir as disciplinas acadêmicas e que não estão presentes nas experiências cotidianas. Nesse sentido, configura-se uma problematização ou questionamento da concepção da realidade social fragmentada em partes opostas e dissasociadas.

Com o desenvolvimento inicial da Sociologia de Durkheim (2001) e das ciências sociais em torno de condições que se entendem como objetivas, dos métodos racionais, e do fato social, ou seja, o estudo do que apenas está no exterior da pessoa, ao mesmo tempo, construiu-se o que se

<sup>2</sup>Alguns desses autores são Foucault (1993), Butler (2003), Elias (1994), Le Breton (2001), Marilyn Strathern (1998), Jane Flax (1988).

concebe atualmente como exclusivo do âmbito íntimo e individual, como, por exemplo, as emoções. Essa é uma percepção que também foi problematizada por Norbert Elias (1993).

O autor Norbert Elias (1993) discute a relação indivíduo e sociedade ligada à questão dos sentimentos. Em seu livro *O processo Civilizatório*, Elias contribui com dois objetivos para o entendimento da constituição das emoções. Em primeiro lugar, ele contribui para a visão de que as emoções precisam ser frequentemente pensadas na área das ciências humanas e sociais, em seguida, por problematizar a ideia na qual os sentimentos, dentre os quais eu incluo o amor conjugal, são manifestações que se formariam exclusivamente no corpo biológico, antecedendo a cultura. Em seu livro ele aproxima as emoções das mudanças sociais e da atuação do Estado.

Norbert Elias (1993) relaciona as emoções com a organização social, com o objetivo de compreender as diversas fases das emoções, não somente em um plano compreendido como subjetivo. Desta forma, a perspectiva desse autor propicia o entendimento das emoções e o questionamento de uma visão determinista de essência biológica recorrente sobre o amor conjugal. Para esse autor, expressar as emoções de modo exacerbado é considerado inadequado na sociedade burguesa. A constante expressão das emoções é concebida socialmente como prejudicial ao sujeito, pois esta pessoa estaria fora das normas culturais de controle de determinadas<sup>3</sup> emoções, e, por isso, ela passa a ser vista como um “ser desequilibrado”, uma pessoa frágil em sua psique, desprovida de razão e autocontrole.

O controle e o condicionamento das emoções são para Norbert Elias (1993), mais eficientes do que a violência física, pois eles moldam e ditam as emoções dos indivíduos nos padrões sociais. Vemos que o autor pode afirmar tal modo de vivenciarmos as emoções pelo fato de elas serem manifestações corporais, pensamentos e crenças, além disso, estas ideias possuem uma temporalidade diferenciada que se experimenta materialmente no corpo.

Este autor ainda acrescenta que, apesar de as noções de um “eu individual”, de personalidade, de autopercepção, do “homem interior”, entre outros terem sido construídos na sociedade moderna, o controle cultural não deixou de atuar na formação das emoções dos sujeitos. Para Norbert Elias (1993), apesar de essas mudanças na noção de pessoa, o mundo exterior não deixou de formar as consciências dos sujeitos. Para ele esse indivíduo completamente autônomo ou livre das redes sociais é uma concepção moderna ocidental, presente em nossa realidade, mas tal modo de existir de uma pessoa não é uma regra que impera em todos os momentos e contexto da vida, visto que ela também está sob os modelos e representações culturais de emoções. Desta forma, tal autor destaca a seguinte reflexão:

A manifestação de sentimentos na sociedade medieval é, de maneira geral, mais espontânea e solta do que no Período seguinte. Mas não é livre ou sem modelagem social em qualquer sentido absoluto. O homem sem restrições é um fantasma. Reconhecidamente, a natureza, a força, o detalhamento de proibições, controles e dependências mudam de centenas de maneiras e, com elas, a tensão e o equilíbrio das emoções e, de idêntica maneira, o grau e tipo de satisfação que o indivíduo procura e consegue. (ELIAS, 1993, p. 211)

O condicionamento das emoções diz respeito a padrões de modos de vida, impostos aos sujeitos ao longo de suas vidas. Esse condicionamento pode ser uma forma de força social que restringe a mobilidade social das pessoas. Assim, essa maneira de impor modelos de culturas emocionais é uma força que gera violência simbólica, na medida em que impede que outras emoções possíveis sejam vivenciadas pelos sujeitos com flexibilidade e liberdade.

Nas análises das emoções é pertinente indicar os fatores que levam os afetos a mudarem de sentidos, de forma e de espaço, bem como as maneiras pelas quais essas emoções podem ser expressas ou reprimidas. O lugar, a temporalidade, os sistemas de significados, os valores, e as normas de expressão desses afetos, também devem ser analisados para uma maior compreensão dos sentimentos e de suas atuações nas pessoas.

A partir do avanço burguês na Europa e nas Américas as pessoas deveriam aprender sobre controle das emoções no espaço doméstico, para que quando estivessem no espaço público e do

<sup>3</sup>Análise que as relações interpessoais e as emoções que estão sujeitas a obrigatoriedade de restringirem-se apenas ao espaço doméstico situam-se em torno das reconhecidas socialmente como desejos, paixões e amor pelo gênero oposto ou semelhante. Já sentimentos como revolta e raiva são mais facilmente admitidos em espaços públicos e coletivos, principalmente quando manifestados por pessoas do gênero masculino. Desta forma, pessoas do gênero feminino são oprimidas em uma quantidade maior de emoções do que as do gênero masculino.

trabalho industrial pudessem controlá-las, e, dessa forma, garantir uma sociedade da ordem e do progresso tecnológico e cultural.

Assim, ao considerar esses aspectos históricos, políticos e sociais, quando lanço luz às representações e discursos de amor, observo que, a partir da modernidade burguesa, ela foi transferida para o espaço do privado, a fim de atender o modelo de civilidade da nova classe hegemônica. Portanto, o que é entendido socialmente como pertencente ao plano do subjetivo ou intimista teve que passar para o autocontrole do indivíduo, com a finalidade de se obter sociedades ocidentais organizadas e progressistas. Logo, as paixões humanas liberadas pelo corpo, as quais vão desde a raiva até os afetos, se tornaram ainda mais controladas no interior dos sujeitos, bem como nas esferas públicas da vida (ELIAS, 1993)<sup>4</sup>. Esse fenômeno me permite dizer que essa é um das razões pelas quais há uma quantidade menor de letras de amor/conjugal do que de problemas étnicos/raciais e de classe social no *rap* brasileiro. Haja vista que as temáticas étnicas/raciais e de classe social no *rap* são entendidas pelos seus compositores, compositoras e público, como do espaço coletivo ou público, e o “sentir” amor/conjugal por uma pessoa do mesmo gênero ou de um oposto, como da dimensão intimista ou privada.

Para a sociedade do controle, pensar as emoções na cultura é irrelevante, ficando abaixo de outros temas sociais, principalmente quando a emoção se refere aos amores conjugais. Existem raras análises consagradas ou clássicas sobre a emoção nas ciências sociais porque, até poucas décadas atrás, situava-se os sentimentos fora das relações sociais, deixando-os restritos ao individualismo, no espaço doméstico e nas relações interpessoais. Todavia, o autor francês Le Breton (2009), questiona tal concepção de emoção.

Le Breton (2009) afirma que, no mundo ocidental, a emoção foi paulatinamente sendo concebida como uma esfera separada de qualquer racionalidade, a qual prejudica a razão e o bom senso humano. Esse antropólogo ainda cita nomes de cientistas que defendiam o modo como as emoções eram prejudiciais e deveriam se submeter à razão. Segundo ele, até o fim do século XVIII, no campo da medicina, as emoções eram concebidas como irracionais e provocadoras da perda de lucidez. Além disso, elas causariam mal-estar, perturbações, patologias, defeitos na alma, não proporcionando benefícios ao ser humano. Aliás, para essa ciência, nas épocas em que não havia o reconhecimento e valorização social das paixões e do amor, a saúde reinava nas sociedades. Desta maneira, tais modelos com “perturbações patológicas” no ser humano é devido às concepções sobre as emoções que orientam formas de vê-las até os dias atuais.

Essa visão de amor como prejudicial e patológico existe no cenário do *rap* brasileiro. A seguir trago um fragmento de letra de um dos meus interlocutores durante as pesquisas de campo e *on-line*, o cantor de *rap* Leandro<sup>5</sup>, a qual trata de um relacionamento amoroso. Ela nos revela sobre uma representação de amor dual e conflituosa<sup>6</sup>:

(...) Lembro como se fosse ontem, seus olhos sobre os meus. Uma montanha russa só com os erros de Deus.

A vida me deu pólvora sabor flã. E seu colo igual minha cama, numa segunda de manhã fez a textura dos seus lábios, cerol e framboesa.

E seus suspiros vírgulas, que em frases matam minhas certezas. Assassinos por natureza, o ódio sabe nosso nome.

E é lindo como o seu soa junto ao meu sobrenome. Um crime passionai, o rádio que cai numa hidro.

Um abatedouro com paredes feitas de vidro. É minha falsa segurança, o filtro do meu *Malboro*.

<sup>4</sup>O livro *As Paixões Ordinárias: Antropologia das Emoções*, de Le Breton (2009) realiza a discussão da relação social existente entre corpo e cultura, e que é pertinente para a compreensão e elaboração de análises antropológicas sobre as emoções.

<sup>5</sup>Leandro é um nome fictício. Apesar de os cantores e cantoras de *rap* me dizerem que não fazem questão que suas falas e letras sejam atribuídas a nomes fictícios, a fim de eu tentar preservar suas identidades das minhas análises, somente devido a uma questão de ética, eu escolhi criar e manter tais nomes fictícios, mas não alterei suas letras e falas.

<sup>6</sup>As canções de *rap* podem ser encontradas em qualquer site com letras de música deste gênero artístico. Acessado em 10/07/2016.

(...) Foi meu bem, meu tesouro, hoje é guizo cascavel. Nossas brigas são sarais numa torre de babel. Sua voz é meu céu, mas Deus é testemunha, que quando te ouço sinto agulhas entrarem embaixo da minha unha.

(...) *Porque dessa forma, se um for morrer pelo outro, que seja de amor (...).*

Quando Leandro se refere ao fato de a pessoa para a qual direciona seu discurso adquirir o sobrenome dele, destaco que nessa relação é a pessoa do gênero feminino que o recebe e não a do masculino. Embora ele diga isso dentro de uma conotação poética, posso ainda apontar que ele revela, por um lado, uma visão de destino e, por outro lado, uma concepção de amor que se dá dentro de casamento patriarcal. Enquanto a letra nos traz um “tom de romantismo”, aponto para a efetivação do modelo de tutelar a feminilidade, afinal, após o casamento, ela não se auto-representará, pois passará a adquirir o sobrenome dele. Isso significa que é o gênero masculino que falará pelo feminino. Neste caso, a presença da violência simbólica do patriarcalismo por meio da sobreposição do masculino ao feminino está implícita em um discurso de amor.

Na letra ainda há uma representação de amor que aparece como uma emoção que ora é pensada como um “mal”, ora como uma das melhores dádivas da vida ou, como disse Leandro, de “Deus”. Isso ocorre pelo fato de ele compartilhar da visão na qual o amor traz em sua essência (substância corporal ou sobrenatural) o poder de gerar sofrimentos. As perturbações sofridas por ele ao “sentir” amor são atribuídas a essa forma de emoção e não os significados sociais que atribuímos ao amor nas relações entre os gêneros.

Na poesia de Leandro existem tensões sociais entre os parceiros amorosos. E devido a estes conflitos os membros que formam o casal podem terminar o relacionamento no momento que desejarem, visto que estão em uma sociedade que permite que tal atitude seja realizada sem significativas proibições familiares e culturais (BAUMAN, 2004).

Todavia, novamente no final de sua poesia, Leandro expressa que por amor morre-se “poeticamente”. O amor pode ser mais forte do que as brigas e a própria vida, entretanto, ele carrega o poder emocional de conduzir um dos parceiros à morte. Nota-se um amor pensado como superpoderoso em si mesmo, mais forte do que qualquer ação e arranjo afetivo e econômico. Tal fenômeno se dá porque esta emoção cumpre a vontade da única força reconhecida em nossas sociedades modernas como aquela capaz de se sobrepor ao livre arbítrio das pessoas: o destino (VIVEIROS DE CASTRO; ARAÚJO, 1977). A ideia de atribuir ao amor sentimentos que Leandro explicita em sua letra como, por exemplo, ausência de segurança, falta de certezas, dor física e ódio pelo ser amado, também foi destaca por Le Breton (2009).

Le Breton (2009) argumenta contra a visão de Kant e do discurso iluminista desenvolvido por filósofos do século XVII e XVIII, na qual as emoções aparecem como maléficas para as pessoas. Para esse autor, emoções são criações que possuem regras pessoais e sociais, além de organizações e de sentidos humanos, que não estão desprovidos de uma ordem, nem de significados construídos pelos seres humanos. Portanto, observo que o olhar desse autor sobre as emoções é aquele que não as coloca nas manifestações humanas, as quais dominam negativamente e caoticamente as pessoas. Mas essa concepção do amor enquanto uma forma de emoção apareceu na letra do cantor Leandro citada anteriormente neste artigo.

Os acontecimentos do mundo político, os valores e os códigos morais compõem o sistema de referências criados em sociedade, e, por isso, estão nos modos como as pessoas interpretam e vivem as emoções, assim elas estão no social afirma Le Breton (2009). Tais fatores desencadearão certas emoções nos indivíduos. Assim, os sentidos que conferimos à realidade orientam sensações, tais quais medo, nojo, alegria, entre outras. As emoções compõem a vida “pessoal” e coletiva de modo integrado, nas quais os sujeitos produzem e disputam os significados das mesmas.

Le Breton (2009) ainda revela que o pensar está permeado de afetividade e vice-versa, e as emoções de normas sociais, portanto, ele insere emoção na razão e racionalidade nas emoções. Esse modo de pensar perpassa a formação do olhar das pessoas na modernidade. Por meio da obra de Le Breton (2009), podemos refletir que, apesar da emoção não ser uma substância concreta no corpo e no íntimo das pessoas, ela é perceptível nas expressões do corpo dos sujeitos. Portanto, nesta obra, ele demonstra como gestos, palavras, movimentos e outras manifestações corporais estão relacionadas às emoções. Além disso, para ele, a atividade de pensar não surge depois de emoções visíveis, no corpo, pois são os acontecimentos culturais e racionais dos indivíduos que criam e tornam as emoções experimentadas publicamente e não unicamente estados fisiológicos.

Ainda segundo Le Breton (2009), apenas a estrutura fisiológica do corpo humano é universal e não as categorias das emoções. Assim, ele nos apresenta a existência de autores que questionam a antropologia ocidental pelo fato dessa ciência tentar ler outras culturas com categorias próprias de seu lugar de fala no ocidente. Vejamos como esse autor problematiza esta autoridade científica:

Assim, o antropólogo indiano Owen M. Lynch explicou, na introdução de uma obra coletiva sobre a construção social das emoções na Índia, que ‘estes ensaios apresentam o problema da compreensão ocidental das emoções, principalmente quando essa compreensão é universalizada num pensamento e projetada sobre o Outro’. Imaginamos um antropólogo ifaluk ou guayaki, inuíte ou yanomami definindo a cultura afetiva dos franceses a partir de suas próprias categorias de pensamento ou de seu próprio vocabulário. O que seria, a propósito, uma cultura afetiva ‘francesa’? De quem estaria falar? Tratar-se-ia dos bretões ou dos alsacianos, dos camponeses ou dos cidadãos, dos operários ou dos médicos, dos homens ou das mulheres, dos jovens ou dos idosos etc. (2009:11).

Os sentimentos não são universais e possuem sentidos apenas no contexto no qual ele foi formulado e comunicado. Para o autor, as emoções também se desenvolvem no corpo humano, mas não são iguais em qualquer lugar do mundo. Segundo esse autor, como essas sensações estão relacionadas às concepções sociais, elas são sentidas e exteriorizadas por intermédio de diferentes repertórios culturais.

Le Breton (2009) contribui para as análises sobre as emoções ao considerar as regras sociais na formação e expressão das mesmas. Um aspecto fundamental nesta discussão é o fato de ele questionar diretamente a naturalização das emoções, analisando-as nas relações culturais.

As formas pelas quais as pessoas evidenciam em seus corpos, sobre o que estão sentindo, são formadas por meio de dimensões simbólicas. Assim, para desconstruir a visão naturalista e essencialista em torno deste tema são pertinentes estudos antropológicos e sociais com o objetivo de pensarmos as emoções como ligadas aos significados culturais, nas quais o fisiológico opera como um dos participantes dessa vivência e constituição do amor conjugal. Dessa maneira, corpo e cultura se complementam e não se excluem na construção e expressão destas emoções.

As emoções possuem signos construídos no relacionamento dos sujeitos com as formações culturais, sendo assim, é na interação das pessoas que se estabelece o entendimento e a manutenção da ordem dos sentidos das emoções. A reprodução e recriação desses sentidos presentes nas formações culturais, e que estão na troca social entre os agentes, são relevantes para o entendimento e a construção das emoções nas culturas. Assim, as emoções não são manifestações individualistas e intimistas, estando nas formações de significados culturais.

Para compreendermos os sentidos atribuídos aos afetos pelas pessoas, temos que considerar a história e as representações culturais do grupo social que tais sujeitos pertencem. Além disso, é preciso olhar de modo analítico para sua condição social, bem como para as disputas e contextos sociais nas quais elas participam e atuam.

Para tal análise, é pertinente observar como, na música “Amor Sentimento Abstrato”, o grupo de *rap* SNJ defende o pensamento a partir do qual, na categoria emoção, o amor faz parte do espaço mais íntimo do corpo humano. Nota-se, ainda, que no trecho a seguir há uma concepção de amor que apresenta diferenças em relação à letra do cantor Leandro:

(...) Sentimento algo que vem de dentro  
 Purifica o ser humano perante as circunstâncias adversas  
 Um homem passou por aqui palavras pregou  
 Pouca gente as aderiu e revolucionou  
 A cura não é remédio substância  
 Esta no seu coração basta se manifestar  
 Amor, amor sentimento abstrato  
 Você pode sentir porém não pode tocar  
 O amadurecimento faz com que observemos  
 Que a vida é uma dádiva de Deus e temos que cuidar  
 Como é difícil semear a paz entre as pessoas  
 Já que estamos em épocas de conflitos  
 A história dos homens é um livro sob suas mãos  
 Ou conta até de outra forma quando acionado uma tecla

A verdade porém é uma virtude  
Quem sabe através dela acharemos a luz no fim do túnel(...)<sup>7</sup>

Na primeira frase citada nesse trecho o compositor se refere a uma emoção que ele denominou como aquela que se manifesta a partir de “dentro” de uma pessoa. Este lugar do ser humano faz alusão a um espaço que se situa no interior ou no meio do sujeito. É uma ideia que percebe os sentimentos como separados das experiências interpessoais ou interacionais que denomino de sociais.

Na sexta linha da estrofe acima o compositor cita o coração como aquele que contém o sentimento de amor. Sabe-se que este órgão do corpo humano está inserido e envolvido pelo mesmo, que para o cantor guardaria uma substância invisível, ou seja, o amor. Ao utilizar o termo “manifestar” o cantor deixa claro que não podemos tratar dos assuntos do amor quando ele está no âmbito do interior ou do coração, mas somente das suas “manifestações”. Em outras palavras, podemos agir somente nos comportamentos que o ser humano tem ou manifesta a partir desse sentimento, e que ele não teria pedido ou escolhido viver.

A partir da concepção do cantor de que o amor é abstrato, destaco que ele propaga a ideia de que o amor opera apenas no âmbito das “noções”. O termo “abstração” pressupõe um desligamento e considera de modo isolado fenômenos que estão ou podem estar unidos. Este mundo das noções distancia-se do mundo pragmático, ele não é material, não está na cor/raça, na faixa etária, pois não se quantifica, e ele é atemporal. Entender o amor como abstrato permite o entendimento de que o compositor compartilha de uma visão de pessoa que Viveiros de Castro e Araújo (1977) denominaram de concepção moderna de personalidade, ou seja, intimista e individualista:

(...) Uma das oposições centrais, explícitas, é entre amor e família; ela se desdobra, sendo simbolizada por outras: corpo (amor) / nome (família), às vezes alma-corção (amor)/corpo (família). Por trás da oposição amor/família, o que se abre é um conflito entre aspectos do ser humano: eu individual em oposição ao eu social; mas como veremos, o próprio aspecto “individual” é ambigualmente tratado. A identificação mais importante é entre amor e destino, que remete a uma ordem cósmica impenetrável aos desígnios humanos e que pouco leva em consideração as distinções sociais” (VIVEIROS DE CASTRO; ARAÚJO, 1977, p.149).

À luz das reflexões desses dois autores, a noção de amor no trecho anterior da letra do grupo SNJ é percebida e pensada como distante do mundo exterior ou social. O sentimento aparece como “puro” pelo fato de ser intocável pelo ser humano e ser dado para os mesmos por uma força sobrenatural, que no *rap* não raramente é um Deus ou uma de suas criações: o destino. Na letra o amor não se forma devido às relações humanas, porque caso assim o fosse, também seria impuro como as pessoas. Para os compositores ele se constitui “dentro” do coração humano, que aqui representa um lugar distante das interações sociais e relações coletivas.

O amor nessa concepção do grupo de *rap* é uma emoção que possui uma força, que está escondida no interior do “eu”. Este é um “eu” individualista, biológico e sobrenatural, desenvolvido em uma sociedade específica. A classe social, a cor/raça, a profissão, a família e qualquer outro significado de prestígio social, não aparecem na letra como atreladas ao amor, visto que estes corromperiam o amor. Mas, na medida em que os compositores o mantêm distante de outros aspectos das sociabilidades, termina também por naturalizar a existência do que nossa sociedade denomina de emoções. Uma visão de amor como algo natural ou dado para as pessoas pela biologia ou por um Deus (mundo cósmico ou sobrenatural) oculta as interações sociais e relações de poder que participam da constituição do amor ou dos laços afetivos.

Apesar de existir atualmente o modelo de autocontrole do amor, devemos refletir sobre a questão na qual as emoções não são estáticas nos atores sociais, pois elas nem sempre podem ser representadas pelos sujeitos do mesmo modo como eles foram treinados desde criança para manifestarem suas paixões e afetos. Assim, eles podem em uma festa, na qual todos esperam alegria, rejeitar tal sentimento e apresentarem tristeza. Os sujeitos não são simples reféns de todas as emoções criadas para determinados contextos e ambientes sociais. Dessa forma, afirmo que nem

<sup>7</sup> In: [www.com.br/artistas/espaco-rap/m/amor-sentimento-abstrato/letra.html](http://www.com.br/artistas/espaco-rap/m/amor-sentimento-abstrato/letra.html).

todas as pessoas que criame que cantam *rap* no Brasil vivenciam o amor conjugal da mesma forma, em todas as fases e em espaços sociais de suas vidas.

Em nossa sociedade atual os meninos são educados desde a infância para se tornarem homens capazes de comunicar de modo reduzido suas emoções, o homem heterossexual deve controlar suas manifestações emocionais, principalmente as vividas no espaço doméstico como, por exemplo, aquelas relacionadas ao amor por alguma mulher. Quando esse homem oculta tais emoções socialmente, ele demonstra que é mais racional do que as mulheres, que possuem maior liberdade cultural para manifestarem suas afetividades e conflitos amorosos, assim racionalidade desenvolvida neste contexto da modernidade compõe um dos atributos de masculinidade, e o amor amoroso, de feminilidade (DUARTE, 2004).

No dia-a-dia são recorrentes discursos que associam as mulheres e/ou feminilidades à sentimentalidade ou capacidade biológica de expressão pública das emoções afetivas/conjugais. Segundo Anthony Giddens (1993), essas representações são comuns pelo fato de a emoção ter sido historicamente construída e concebida como um fenômeno do campo do feminino. Esse autor afirma que essa sensação foi construída como aquela que prejudica e corrompe as pessoas. A partir da leitura da autora Catherine Lutz (1990), eu destaco que os discursos em tornados gêneros são construídos valendo-se das emoções criadas e denominadas pelos agentes em relações de poder presentes em mais de um espaço social. Considera-se a expressão das emoções em mais de um contexto e espaço social uma fraqueza no âmbito racional, intelectual e com restrita capacidade de julgamento e avaliação moral, sendo assim, negativa e própria da mulher. Tal concepção justifica o papel marginal que as emoções possuem no *rap* brasileiro, principalmente, no que tange os sentimentos afetivos/conjugais.

Entretanto, no *rap* nem todas as emoções são compreendidas como uma fraqueza, a raiva, por exemplo, é entendida como um mecanismo adequado para os objetivos educacionais dos cantores e das MCs. Todavia o mesmo valor não é atribuído ao amor conjugal, que é visto como uma fraqueza humana, principalmente quando é vivido no *rap* pelo gênero feminino. Em uma visão recorrente neste meio artístico as mulheres não teriam em sua “natureza” ou corpo capacidade para controlarem as paixões irracionais ou incontroláveis que este tipo de sentimento cria nas pessoas.

Para os compositores e cantoras, sentimentos como sofrimento pela morte ou partida de uma parceira ou parceiro amoroso, não têm muito espaço no mundo da competição material, e quem se render a eles certamente perderá as disputas sociais.

De acordo com o autor brasileiro Luiz Duarte (2003), alguns valores dessas sociedades ocidentais descritas por Foucault (2011) como, por exemplo, o individualismo, a igualdade, a singularidade e a interioridade, entre outros, podem ser vistos como representações sociais da noção moderna de pessoa. O conceito de indivíduo é um exemplo que faz parte da categoria ocidental de pessoa. Para esse autor, esta noção envolve tanto o corpo quanto as relações sociais e culturais que o constitui. Desta maneira, tais representações sociais participam nas relações amorosas entre os homens e as mulheres.

Já a autora Ana Cláudia Pacheco (2008) discute a relação entre escolhas das pessoas ao longo de suas trajetórias, dispositivos duráveis que são interiorizados pelos indivíduos e que estão ligados com a cor e gênero, entre outros. A interiorização dessas categorias também é exteriorizada de acordo com o contexto social que elas estão sendo situadas pelas pessoas. Assim, os sujeitos fazem escolhas e exteriorizam cor, gênero e classe, com os significados culturais que assimilaram e transformam em sua cultura.

Os sentimentos são um dos recursos que estão nas culturas, afirma Ana Cláudia Pacheco (2008). Por isso, quando ela comenta o trabalho pioneiro da norte-americana Michele Rosaldo (1984), declara que há mediação entre sentimentos ou emoções nas produções culturais, visto que estes significados são negociados entre as pessoas em diversos tipos de relacionamentos e, por isso, as emoções comunicam relações de poder, concepções e práticas de relações de gênero. Desta forma, o amor conjugal revela diferenças, mas também desigualdades de sexo, raça, classe, entre outros. Lemos:

Assim, os significados das emoções dependem do lugar a qual foram produzidos, como de sua expressão material, física e corpórea. A emoção é um código cultural que é negociado por meio das relações sociais, intenções e ações produzidas entre os indivíduos em contexto os específicos. Nesse sentido, o trabalho de Michele Rosaldo é uma ‘chave’ para compreender de que forma

certos aspectos sobre a vida emocional e afetiva dos indivíduos estão relacionados aos nexos sociais e aos códigos culturais. Da mesma forma, a autora acentua que toda linguagem sobre a emoção, também, envolve atributos culturais (PACHECO, 2008, p. 33).

É pertinente a forma como Ana Cláudia Pacheco (2008) reflete em torno da solidão da mulher negra, como uma emoção que nos informa e é constituída por ideias racistas e pelas relações de poder entre homens e mulheres brancas e afro-brasileiras. Desta forma, pensar as emoções das mulheres negras, só faz sentido se houver reflexões nas quais elas estão inseridas nas questões étnicas/raciais presentes no contexto brasileiro.

Ao questionar uma concepção das emoções como aquelas que a priori são determinadas pelo biológico, pelo “coração”, ou pelo cósmico, defendo um olhar sobre as emoções que considera os contextos, as disputas, as negociações, as relações de poder e os discursos sociais em mais de um contexto e espaço político (ROJO, 2011, p. 45-61; COELHO & REZENDE, 2011).

### Considerações Finais

Para uma quantidade significativa de cantores e cantoras do gênero musical do *rap*, o amor conjugal raramente possui o potencial de ser visto como “recurso de protesto social”, e podendo ser utilizado no combate contra as desigualdades sociais e o racismo, pelo fato de pertencer à dimensão privada, íntima e biológica.

Na concepção de amor que analisei neste texto, as questões de cor/raça, gênero raramente possuem espaço na constituição e percepção dessa forma de emoção. Observei que naturalizar e reduzir a formação desse tipo de laço social a esfera biológica, dificulta possíveis mudanças nas relações entre os gêneros no que tange a afetividade. Embora entre alguns jovens do *raph* hajam concepções de amor com significados flexíveis no que tange o modo como é constituído, é hegemônica uma visão de amor em quele é forte e puro porque formou-se dentro do coração e/ou espírito das pessoas.

Nenhuma emoção se constitui exclusivamente no íntimo e no biológico. Porém, uma das representações de amor que é recorrente no *rap* brasileiro, reproduz o amor como do âmbito ora de um plano cósmico, ora biológico. É com o olhar que pensa a emoção do ponto de vista social e não meramente intimista, biológica e individualista, que analisei o amor conjugal no *rap* brasileiro. A emoção em estudos antropológicos não provém de uma essência biológica, mas da educação, que os seres humanos vivenciam em sua trajetória. Inspirada nessas reflexões sobre emoção, o amor conjugal também não provém de um biológico fora da cultura, ele é cultural e contextual.

O “sentir” amor está no corpo e é criado pelo mesmo, e as referências, valores e significados presentes também estão presentes nesse “sentir” e são construídos socialmente. Essa construção cultural é realizada em contextos particulares, os quais podem mudar de país, idade, gênero, classe social, raça, entre outros; assim, corpo e amor são plurais. Por fim, as representações de amor no *rap* não são estáticas, elas são vividas de modo relacional e ambíguo, ou seja, enfrentam, dialogam e se opõem a mais de uma emoção, bem como estão nas relações de gênero e se constituem em diferentes contexto sociais.

### Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Heloisa B; Debert, Guita G. Entrevista com Sherry Ortner. *Cadernos Pagu* (27), p. 427-447. julho-dezembro de 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BENTO, Berenice. *Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas*. Natal: Edufrn, 2012.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. *Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: Guacira Lopes Louro(org.). *O corpo educado: pedagogia da sexualidade*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica. p.20-32, 2000.
- COELHO, Maria Claudia; REZENDE, Claudia Barcellos (org.). *Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ, 2011.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna. In: HEILBORN, Maria Luiza (org.), *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. p.21-29, p. 59-74, 1999.

- DUARTE, Luiz Fernando Dias. A pulsão romântica e as ciências humanas no ocidente. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, V. 19, n. 55, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em 20 de julho. 2008.
- DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. 3ªed. São Paulo: Martin Claret, 2008.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*, v. I. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- FLAX, Jane. Pós-modernidade e relações de gênero na teoria feminista. In: Hollanda, Heloísa Buarque(org.), *Pós-modernismo e Política*, Rio de Janeiro: Rocco, p. 217-250, 1991.
- GOODWIN, Jeff; James M. Jasper; Francesca Polletta. Emotional Dimensions of Social Movements. In: *Passionat e Politics*. Ed. Blackell Publishing, 2009.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- GOLDENBERG, Mirian. *Os Novos Desejos: Das Academias de musculação às agências de encontros*. Mirian Goldenberg (org.). Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.
- GUASCO, Pedro Paulo M. *Num país chamado Periferia: identidade e representações da realidade entre os rappers de São Paulo*. São Paulo. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação de Antropologia Social da Universidade de São Paulo, USP, 2001.
- HENNING, Carlos Eduardo. Gênero, Sexo e as Negações do Biologicismo: comentários sobre o percurso da categoria gênero. *Revista Ártemis*. V.08, jun., pp.57 a 67, 2008.
- HERSCHMANN, Micael. *O funk e o hip-hop invadem a cena*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2000.
- KALSING, Vera Simone Schaefer. Notas sobre o conceito de gênero: uma breve incursão pela vertente pós-estruturalista. In: <http://www.recantodasletras.uol.com.br/trabalho-sacademicos>, 2008.
- KOURY, Mauro G. P. *Emoções, sociedade e cultura: a categoria de análise emoções como objeto de investigação na sociologia*. Curitiba, Editora CRV, 2009.
- KOURY, Mauro G. P. (org.) *Estilos de vida e individualidade: escritos em antropologia e sociologia das emoções*. Curitiba, Appris, 2014.
- JAGGAR, Alison M. Amor e Conhecimento: A emoção na epistemologia feminista. In: Alison M. Jaggar, Susan R. Bordo (org.) *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro, RJ: Record: Rosa dos Tempos, 1997.
- LÁZARO, André. *Amor : Do mito ao Mercado*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1996.
- LE BRETON, David. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- LUTZ, Catherine A. Engendered emotion: gender, power, and the rhetoric of emotional control in American discourse. In: Catherine A. Lutz; LILA Abu-Lughod. (org.). *Language and the politics of emotion*. Cambridge University Press. p. 69-91, 1990.
- MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: Roberto Cardoso de Oliveira (org.). *Marcel Mauss. Antropologia*. São Paulo: Ática. p. 399-420, [1921] 2003.
- MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória de sentimentos. In: Roberto Cardoso de Oliveira (org.) *Marcel Mauss. Antropologia*. São Paulo: Ática. p. 147-153, [1921] 2003.
- MOUTINHO, Laura. *Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul*. São Paulo: Unesp, 2004.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*, v.8, n.2, p. 9-41, 2000.
- ORTNER, Sherry, B. Poder e Projetos: Reflexões sobre Agência. Miriam Pillar Grossi (org.). *Conferências e Diálogos: Saberes e Práticas Antropológicas*. ABA, Blumenau, Nova Letras, pp.45-80, 2007.
- PALEIKAT, Jorge; COSTA CRUZ, João; TANNERY, Paul. *Platão, 427-347 a.C. Diálogos I: Mênon, Banquete, Fedro*. 21ed. Rio de Janeiro, 1999.
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *“Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar”; escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Unicamp, Campinas, 2008.
- REZENDE, Claudia B. Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções. *Mana*. Rio de Janeiro, nº 02, vol. 08, outubro, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em 20 setembro de 2008.
- REZENDE, Claudia. B.; COELHO, Maria C. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2010.
- ROSALDO, Michelle. O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural. *Horizontes Antropológicos*, ano 1, n. 1, Porto Alegre, p. 11-36, 1995.

ROSALDO, Michelle. Toward an Anthropology of self and feeling In: Shweder and Levine (Orgs.). *Culture Theory. Essay on Mind, Self and Emotion*, Cambridge University Press, 1984.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: Burke, Peter. (Org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Unesp, p. 63-95, 1992.

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. *Revista Estudos Feministas*, v. 13, nº 1, jan./abr. p. 11-30, 2005.

SIMMEL, Georg. *Filosofia do amor*. São Paulo, Martins Fontes, 2006.

SOIHET, Rachel. História das mulheres e relações de gênero: algumas reflexões. *Núcleo de Estudos Contemporâneos*, 1986.

VIVEIROS DE CATRO, Eduardo, BENZAQUEM DE ARAUJO, Ricardo. “Romeu e Julieta”. In:, Gilberto Velho (Org.). *Arte e Sociedade: ensaios de sociologia da arte*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, p 130-169,1977.

